



Polêmica religiosa nos panfletos de Eulálio Motta

Uma análise dialógica da argumentação

Priscila Santos Lopes

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Brasil
orcid.org/0000-0001-8260-9650

Lucas Nascimento

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Brasil
orcid.org/0000-0001-8642-4397

O panfleto foi o meio pelo qual Eulálio Motta se juntou ao coro de polemistas religiosos do Brasil, em 1949. Através da produção e distribuição de um panfleto, o intelectual católico provocou dicotomização, polarização e lançou o descrédito sobre a religião adversária em Mundo Novo, interior da Bahia. Os argumentos polêmicos empregados no panfleto “O Que Importa” são discursivamente analisados neste artigo. Para tanto, o estudo está ancorado sob a perspectiva da análise dialógica da argumentação, proposta por Lucas Nascimento (2018a), fundamentada em Mikhail Bakhtin (2010; 2011; 2013) e em Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2005), em diálogo com Ruth Amossy (2017) e Marc Angenot (2008). Sob essa perspectiva, analisamos o evento polêmico religioso em que os argumentos dos opositores soam irracionais e inaceitáveis para o panfletário mundonovense.

Palavras-chave: Panfleto. Eulálio Motta. Religião. Evento Polêmico.

Polémica religiosa en los panfletos de Eulálio Motta: un análisis dialógico de la argumentación

El panfleto fue el medio por el cual Eulálio Motta se unió al coro de polemistas religiosos en Brasil en 1949. A través de la producción y distribución de un panfleto, el intelectual católico provocó dicotomización, polarización y lanzó el descrédito de otras religiones en Mundo Novo, en el interior de Bahia. Los argumentos polémicos empleados en el panfleto “O Que Importa”, serán analizados discursivamente en este artículo. Para ello, el estudio se basa en la perspectiva del análisis dialógico del argumento, propuesta por Lucas Nascimento (2018a), con base en Mikhail Bakhtin (2010; 2011; 2013) y Chaïm Perelman y Lucie Olbrechts-Tyteca (2005), en diálogo con Ruth Amossy (2017) y Marc Angenot (2008). En esta perspectiva, analizamos el evento polémico religioso en el que los argumentos de los dos opositores suenan irracionales e inaceptables para el panfleto mundonovense.

Palabras clave: Folleto. Eulálio Motta. Religión. Evento Polémico.

Religious polemic in Eulálio Motta's pamphlets: a dialogical analysis of the argumentation

The pamphlet was used by the Brazilian writer Eulálio Motta to share his polemical opinions in public. He joined the choir of religious polemicists from Brazil in 1949. Through the production and distribution of one pamphlet, the catholic intellectual generated dichotomization, polarization and launched discredit on other religions in a small city of Bahia, as known as Mundo Novo. The controversial arguments used in the pamphlet “What Matters” will be discursively analyzed in this article. The study is anchored in the perspective of the dialogical analysis of the argumentation, proposed by Lucas Nascimento (2018a), based on Mikhail Bakhtin (2010; 2011; 2013) and in Chaïm Perelman and Lucie Olbrechts-Tyteca (2005), in dialogue with Ruth Amossy (2017) and Marc Angenot (2008). From this perspective, we analyzed the polemical event involving religion in which the arguments of the opponents ring irrational and unacceptable to the pamphleteer from Mundo Novo.

Keywords: Pamphlet. Eulálio Motta. Religion. Polemical Event.

Introdução

O município de Mundo Novo, localizado no interior da Bahia, foi o espaço geográfico onde circularam os panfletos escritos pelo intelectual católico Eulálio de Miranda Motta, nascido em 1907 e falecido em 1988 (BARREIROS, 2015). Nos panfletos relacionados à religião, percebe-se o discurso religioso de cunho católico assumindo um efeito sociodiscursivo ao suscitar, em seus leitores, uma possível dicotomia a respeito da ressurreição/reencarnação. Esse fato está ligado aos valores preservados pelo escritor baiano na década de 1940, que, atrelados à religiosidade dominante, atraíram o olhar de seu público inclinado, também, a ter a mesma forma de pensar. É provável que os valores circulantes estivessem presentes no cotidiano da maioria da população de forma naturalíssima e inquestionável, porque dentro daquela conjuntura a preservação de valores estava ligada ao bem viver e à sobrevivência (DUTRA; PEREIRA; LEMES; FARIA, 2020).

No auge de sua juventude, Motta - associado ao Catolicismo e à Ação Integralista Brasileira (AIB) -, começou a tecer críticas a outros discursos religiosos, sobretudo o espírita, provocando a dicotomia e a polarização com questionamentos como: “[...] com qual dos dois ficar? Com Deus ou com o espiritismo?” (MOTTA, 1949)¹. Esse e outros questionamentos levam a configurar o discurso do intelectual mundonovense como polêmico, motivado pela evidência do dissenso no que tange à presença da ascensão de valores preservados em outra religião sendo propagados no mesmo espaço. Por isso, dentro deste estudo, buscamos compreender a formação desse evento polêmico religioso e analisá-lo sob a perspectiva de uma *análise dialógica da argumentação* (NASCIMENTO, 2018a).

A perspectiva da *análise dialógica da argumentação* privilegia não somente o acordo, mas também o desacordo, ou seja, a polêmica. A proposta de Lucas Nascimento (2018a) está fundamentada em Mikhail Bakhtin (2010; 2011; 2013) e em Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2005), em diálogo com Ruth Amossy (2017) e Marc Angenot (2008). O dissenso entre os postulados católicos e a doutrina espírita, então, torna possível o evento polêmico religioso no panfleto de 1949, intitulado “O Que Importa”, o qual é objeto de análise deste artigo.

¹ Utilizaremos a transcrição feita pela edição disponível nos arquivos digitais d’“O pasquineiro da roça”, preservando a ortografia original. Disponível em: <http://www.eulaliomotta.uefs.br/panfleto.php?id=13>. Acesso em: 14 jul. 2022.

1 Análise Dialógica da Argumentação

A análise dialógica da argumentação (NASCIMENTO, 2018a) é o resultado do encontro epistemológico entre o texto *Filosofia do ato responsável* (1920-24) e os estudos dialógicos de Mikhail Bakhtin (2010, 2011, 2013), em diálogo com a análise argumentativa delineada no *Tratado da Argumentação* de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2005). Nessa perspectiva, a polêmica enquanto fenômeno caracterizado pelo conflito, ou seja, um desacordo profundo entre os campos divergentes envolvidos, torna-se privilegiada. Partindo do pressuposto de que tal análise não é apenas possível, mas sobretudo produtiva, Nascimento (2018a) fez uso dela para analisar a polêmica em torno do Projeto de Lei da Câmara (PLC 122/2006), PL anti-homofobia. Tal polêmica pública foi protagonizada pelos defensores e pelos opositores do projeto anti-homofobia, os quais ele nomeia, em sua tese, de afetivossexuais reformistas e cristãos tradicionalistas.

Esse estudo está fundamentado, inicialmente, no fato de que Mikhail Bakhtin (2010), filósofo russo, traz à baila a noção de ato ético em sua obra de juventude *Para uma filosofia do ato responsável*. Em sua reflexão sobre a evidente divisão entre o mundo da vida e o mundo teórico (e estético), ele nos leva a compreender que a unidade entre esses dois mundos diferentes está no *postupok* (ato/façanha) do sujeito único, sendo ele responsivo e responsável, ou seja, ético. Bakhtin (2010), então, promove uma discussão focada na busca fenomenológica da unidade entre o inteligível e o sensível, entre o universal e o particular, o que diz respeito ao conteúdo-sentido e ao sensível. Portanto, o ato é sempre realizado por um sujeito situado, *hic et nunc*, no aqui e no agora. Tal sujeito se constitui intersubjetivamente, porque sempre responde a outrem e a seus atos, sendo esses os fundamentos do que mais tarde se chamou de relações dialógicas.

Tais relações dialógicas, já levando-se em consideração um olhar linguístico, podem ser encontradas bem elaboradas nas obras de Bakhtin (2011; 2013), como *Problemas da poética de Dostoiévski* e *Estética da criação verbal* e, também, nos trabalhos do Círculo de Bakhtin. Lá essas reações são atos concretos, chamados de enunciados, os quais são sempre respondentes a outros enunciados. O sentido desses atos, agora enunciados, se atualizam a partir da apreciação valorativa do sujeito no tempo e no espaço. Ou seja, essa atualização de sentido se dá sempre em um gênero discursivo.

De posse dessas noções, Nascimento (2018a) vai em direção ao *Tratado da argumentação*, com o objetivo de promover um encontro epistemológico dialógico-argumentativo, apontando para uma ligação argumentativa profundamente

dialógica, em que é possível ver o ato do sujeito ético sendo compreendido enquanto ato do *sujeito argumentante*, ou seja, aquele que responde a seu outro. Assim, ele postula, nesse sentido, a ideia da constituição profundamente intersubjetiva envolvendo orador e auditório na figura do sujeito argumentante, responsável por atualizar, no espaço e no tempo, seus argumentos ou enunciados (NASCIMENTO, 2018a; 2018b).

Nascimento, em diálogo com Plantin (2003), Amossy (2014; 2017) e Angenot (1982; 2008), aponta como a tradição da retórica à qual o *Tratado* está filiada recusa a problemática da polêmica. Assim, ao voltar às noções de polêmica aberta e velada de Bakhtin (2013) em diálogo com Max Scheler (1942), faz convergir contribuições de duas tradições discursivas, resultando numa perspectiva teórica e metodológica que permite pensar a polêmica enquanto conflito de valores, o evento polêmico e seus atos polêmicos.

Assim, importa deixar claro que a análise dialógica da argumentação não está ocupada em fazer uma análise exaustiva dos argumentos à luz do *Tratado da Argumentação* (2005), mas apenas aqueles que são necessários para compreender a polêmica em questão. Antes, também é importante salientar que, desse encontro, herda-se a perspectiva de dialogismo polêmico de Bakhtin (2013), apontando como a polêmica é um tipo de discurso bivocal, cujo estudo dos valores é fundamental para compreendê-la (NASCIMENTO, 2019a). Assim, em nossa perspectiva, a polêmica é caracterizada como um desacordo profundo de valores em certo espaço (NASCIMENTO, 2018a). Desse modo, aqui trazemos a polêmica, acentuadamente, como um conflito de valores entre dois ou mais sujeitos com posicionamentos divergentes, cujos sentidos se atualizam em campos discursivos adversos. Desse modo, amparados pela noção de ato/evento em Bakhtin (2010), o evento polêmico pode ser definido como “o encontro de posicionamentos polêmicos, fundantes de dois campos discursivos antagônicos, responsáveis por atualizar entidades de outras polêmicas, ao disputarem os sentidos de um mesmo objeto do discurso” em dado espaço discursivo (NASCIMENTO, 2019, p. 65).

Desse modo, a polêmica como conflito de valores pode ajudar a compreender como os dissensos se constituem no espaço público. E isso pode ser feito analisando os atos polêmicos, os quais podem ser as estratégias argumentativas, os argumentos e os posicionamentos mobilizados no processo argumentativo, imantados pelo evento polêmico (NASCIMENTO, 2018a). Importa dizer que por espaço público, entendemos como o “lugar privilegiado de produção, visibilidade e circulação de

certos discursos e gêneros discursivos, [o qual] se alimenta, portanto, dos diferentes valores e ideologias do mundo da vida” (NASCIMENTO, 2018a, p. 245).

Assim posto, aplicamos essa proposta teórico-metodológica visando compreender a divergência profunda entre católicos e espíritas na década de 1940 no panfleto de Eulálio Motta. Aqui, como supracitado, a análise do posicionamento do outro será sob a perspectiva de um intelectual católico. Numa análise dialógica da argumentação, na proposta aqui exposta, é possível, dialógica e polemicamente, ver como o posicionamento do outro é materializado e respondido no texto do sujeito argumentante. Ademais, faz-se possível compreender o papel significativo da polêmica no processo argumentativo e como se dá a construção dos argumentos no evento polêmico no panfleto.

2 O que é discurso religioso?

Antes de analisar dialogicamente os panfletos, faz-se necessário salientar que a religião é um conjunto de crenças preservadas ao longo tempo pela humanidade, ou seja, ela é um produto histórico (MONTERO, 2012). A religião é a fonte do discurso religioso, porque ao longo da história das sociedades, algumas crenças foram mantidas, outras deixaram de ser praticadas ou sofreram modificações. Para alguns estudiosos, as religiões surgem para responder a um compilado de questionamentos acerca de fatos complexos.

A crença no divino, evidenciada por meio de cultos e ritos, direciona o homem a pensar a si mesmo enquanto figura pertencente a um plano não apenas material, mas também espiritual, tornando-o consciente de sua relevância no cumprimento de um propósito superior. Assim, as práticas religiosas, estabelecidas como essenciais no projeto de formação dos povos, influenciam ideias, comportamento, vestuário, literatura, arte e comunicação. Sob a ótica religiosa, o exercício do poder sobre a vida do fiel é originado da ética que propõe o querer, o efetuar e o ser. O querer vem pelo *pathos*, isto é, a emoção que o discurso religioso desperta. O efetuar pela fé está relacionado à modalidade deôntica e o ser está relacionado à modalidade alética (FIORIN, 2013).

Tais modalidades, em consonância com as emoções, oferecem a garantia ao crente de que ele pode acessar a compreensão dos mistérios derivados de uma instância transcendente (FIORIN, 2013). No catolicismo, a instância transcendente é Deus, sendo sua vontade acreditada estar codificada na Bíblia e, por conseguinte, também nos documentos da tradição e da cúpula eclesiástica. No espiritismo, a instância é Deus e os espíritos, sendo a vontade de Deus e os ensinamentos dos espíritos

codificados, além da Bíblia, no Livro dos Espíritos. Assim, esses dois grupos religiosos acreditam ter as vontades de suas instâncias transcendentais codificadas em livros. Essas instâncias ancoram e fundamentam os discursos religiosos e a formação de campos discursivos diferentes.

Na Bíblia e no Livro dos Espíritos, pode-se encontrar as explicações sobre o início, o meio e o fim da existência, por isso os discursos contidos neles são entendidos por seus fiéis como absolutos e verdadeiros. Sendo assim, esse tipo religioso acaba fundando uma “ética que não admite outra e, por conseguinte, se estabelece como único” (FIORIN, 2013, p. 25). Essa forma de ver o mundo, muitas vezes, resulta em múltiplas batalhas argumentativas protagonizadas em disputa pela verdade. As divergências podem se internas ao campo religioso, entre o campo religioso e outro campo e de diferentes maneiras, afinal:

[...] o discurso religioso não [...] é uma coisa única, dada da mesma maneira em todo lugar, contudo só é possível entender qual o discurso religioso de maneira situada, colocando em questão o que se entende por religião em um campo religioso mais abstrato e sua atualização no campo específico [...] esse ato compreensivo requer apreender o produto em seu processo, em seu evento vivo (NASCIMENTO, 2018a, p.324).

O discurso religioso origina diferentes conceituações, uma vez que ele é “um discurso do necessário” (FIORIN, 2013, p. 24), dando suporte, por assim dizer, a outros discursos, como o político. A exemplo disso, o discurso religioso nos panfletos de Eulálio Motta, circulantes em Mundo Novo, se entrecruzou com o discurso político, criando sólidas relações derivadas da junção de Estado e Igreja. O responsável pela união foi o movimento político nomeado Integralismo, cujo fundador, Plínio Salgado, proferia discursos para promover a Ação Integralista Brasileira (AIB).

Para tornar-se integralista, um dos requisitos apresentados aos sujeitos era se alinhar ao catolicismo. A partir desse fato, o discurso católico construiu sua credibilidade em conjunto com o político, portanto, apontava que para representar “Deus”, o discurso evangélico e o espírita deveriam ser repudiados. Em um dos trechos de um dos panfletos, Eulálio Motta revela essa mentalidade com muitos questionamentos, um deles é: “[...] a que dar crédito? À Palavra de Deus ou à palavra do espiritismo?” (MOTTA, 1949). Isso é um reflexo de que a mentalidade popular daquela época via no discurso católico o modelo que merece crédito. Outrossim, esse discurso tinha um teor de autoridade, trazendo a impressão de convicção por causa de sua forma de interpretar a vontade da maior instância transcendente do catolicismo: Deus.

Então, o discurso católico, interpelado por uma tradição que evoca para si a primazia da verdadeira interpretação bíblica, conseguiu a hegemonia discursiva entre o público. Por isso a escrita de Motta assumiu um caráter apaixonado, em que se perceberá na seção posterior a presença da indignação contra a religião do outro em seus atos polêmicos. Nesse sentido, o universo de religiões promove discursos apaixonados diferentes e esses discursos, em algum momento, podem se chocar na sociedade, ocasionando o evento polêmico e atos polêmicos.

A complexidade de um evento polêmico religioso, portanto, pode ter raízes constituídas por diferenças de costumes, hábitos, vestuário etc., mas sobretudo na compreensão da verdade de Deus sob a perspectiva de cada religioso. Ancorados na codificação dessa verdade por um livro, a mentalidade religiosa pode encarar a interpretação que fez de certos acontecimentos e verdades como absoluta. Assim, quando dois grupos fazem o mesmo gesto absolutizador a respeito de um mesmo objeto, ambos estarão fadados às disputas polêmicas, como é o caso de Eulálio Motta e seus adversários espíritas.

3 A polêmica religiosa no panfleto: a ressurreição católica e a reencarnação espírita

O panfletário Eulálio de Miranda Motta, conhecido como “O Pasquineiro da Roça”, escreveu poesias, crônicas, cordéis, causos e colaborou em diversos jornais no interior de seu estado natal, sendo as questões sociais, políticas, econômicas e culturais, as temáticas mais recorrentes de seus textos. Além disso, ele foi responsável pela produção e distribuição de centenas de panfletos. Seus textos circularam pela cidade onde nasceu desde o início da década de 1930 até o ano do seu falecimento, em 1988 (BARREIROS, 2015).

Apesar de o Pasquineiro da Roça ter começado a publicação em 1930, em seu acervo, foram preservados apenas 57 panfletos, correspondendo ao período de 1949 a 1988, quando escreveu acerca de vários temas, tecendo comentários polêmicos em alguns deles (BARREIROS, 2017). Acredita-se que esse fato se deve à materialidade efêmera do panfleto. Normalmente, esse gênero era publicado em uma folha, sem objetivos comerciais e com uma finalidade específica: persuadir a opinião pública através do discurso político, denunciar e, conseqüentemente, promover a imagem pessoal do autor.

Grande parte dos panfletos tematiza a política, porque o autor transitou entre dois lados antagônicos: primeiro, era apoiador do comunismo e ateu convicto, depois, tornou-se católico e acordante do Integralismo de Plínio Salgado. Na função

de panfletário e detentor de uma suposta verdade, Motta utilizava-se dos panfletos como uma forma singular de publicar discursos agonistas sobre diferentes temáticas, tomando parte em polêmicas que circulavam no espaço público brasileiro. Selecionamos, contudo, apenas o panfleto “O que importa” (1949), porque os demais panfletos não tratam diretamente da religião, exceto o panfleto “Natal” (1949), cujo tom e conteúdo não se enquadram numa análise polêmica.

As características panfletárias, segundo Marc Angenot (1982), podem ser notadas não apenas pelo uso da linguagem apelativa, mas através do tom virulento. O panfletário escreve e polemiza como se ele fosse o portador da verdade absoluta, em razão disso, sente-se à vontade para enaltecer a si mesmo, ironizar e demonizar o discurso de seu oponente. Assim, enquanto gênero do discurso, os panfletos cumprem a função de “atuar num determinado momento, para atingir um alvo [...], circulam rapidamente, driblando a censura, impondo-se na sociedade, como uma cisão, um corte no *status quo*, rompendo a ética do que pode ser dito” (BARREIROS, 2017, p. 59). Ou ainda pode-se dizer que:

O panfleto é a voz do panfletário ampliada numa mídia que se insurge para cumprir uma função pontual num determinado momento e lugar, com finalidades pedagógico-doutrinárias. O objetivo é penetrar na consciência do auditório e moldar seu pensamento, por isso a linguagem do panfleto é persuasiva, combativa e, muitas vezes, carregada de vitupérios. As palavras nele impressas vinculam-se diretamente à personalidade do panfletário – é como se ele mesmo as proferisse em voz alta. (BARREIROS; BARREIROS, 2015, p. 386-387).

É justamente isso que faz o panfletário mundonovense em polêmica contra seus adversários espíritas. A fé foi a virtude teologal responsável por despertar paixões em Eulálio Motta e assegurar, na lógica do discurso católico, a ideia de que Deus salvaguarda somente os seguidores do catolicismo. Em defesa de seus princípios, a mentalidade católica impressa pelo panfletário está impulsionada pelo amor às suas tradições e a aversão às tradições do espiritismo. Através desse conflito de opiniões contraditórias entre católicos e espíritas sobre o mesmo objeto, isto é, a vida em sua relação com morte, ocorre a atualização de um evento polêmico no panfleto. Assim, há dois campos discursivos² antagônicos que se atualizam na pena de Motta.

2 Sem desconsiderar os trabalhos de Bourdieu na sociologia e a retomada de Maingueneau (2010) na análise do discurso, a noção de campo discursivo adotada por Nascimento (2018a) busca seu fundamento em Bakhtin (2011) quando este trata do campo de atividade responsável por atualizar os sentidos da língua, estabelecendo diálogo com a noção de pessoas e seu grupo de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005). Assim “pensar o campo discursivo é pensar um feixe de posicionamentos que interagem dialogicamente com seu outro, de maneira que é nessa relação entre o eu e o outro que emerge a identidade do discurso” (2018a, p. 156), sendo a condição de sentido dos enunciados. Ademais, “o campo é, de alguma maneira, um grupo de pessoas que se reúnem em

Como elemento fundamental para a democracia, a polêmica é um fenômeno atrativo e, constantemente, invade o espaço público (AMOSSY, 2017). Para Nascimento (2018a), a polêmica é definida como um desacordo profundo, ou seja, um conflito de valores:

[...] manifestando-se argumentativamente, sobretudo, pela polarização, cujas características particulares vão se delineando no processo argumentativo concreto; como a desqualificação do outro, a violência verbal e elementos patêmicos manifestos. (NASCIMENTO, 2018a, p. 199-200).

Esse conflito de valores pode ser visto no panfleto “O que importa”, publicado em novembro de 1949. Esse panfleto ao mesmo tempo em que pode ser visto como um evento polêmico específico, atualiza um evento polêmico maior que atravessa os séculos XIX e XX, a oposição entre católicos e espíritas. Em torno dos posicionamentos antagônicos formam-se dois campos discursivos adversos, cujos argumentos ganham sentidos peculiares no interior desses campos. Assim Motta, declaradamente católico, inicia as reclamações alfinetando o espiritismo com a seguinte afirmação:

A Bíblia é a palavra de Deus. E na Bíblia está escrito que só se morre uma vez: “está decretado que os homens morrem uma só vez, e depois disto é o juízo.” (Hb. 9.27). (MOTTA, 1949).

Ao afirmar que só se morre uma vez, ele contra-argumenta a respeito da reencarnação, pregada pelos espíritas, com base no Livro dos Espíritos (1857), escrito por Allan Kardec. O objetivo da reencarnação, para os espíritas, é direcionar o espírito à perfeição e “pôr o espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da Criação” (KARDEC, 2013, p. 105). Para condenar a gênese desse pensamento kardecista, Motta julga necessário utilizar um texto mais antigo, situado no livro de Hebreus para afirmar o contrário. Desse modo, o intelectual católico faz uso do argumento de autoridade (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005) enquanto ato polêmico.

Esse argumento “utiliza atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 334). Para fundamentar a narrativa, ele estabelece a Bíblia Sagrada como um ato legítimo, feito por homens instruídos por Deus, logo, seria o livro que goza de autoridade. Por outro lado, o Livro dos Espíritos é apontado como destituído de tal prestígio. A raiz desse pensamento eulaliano está fundamentada

torno de uma questão problemática, a qual pressupõe sempre outras questões, mas que referente à questão central, essas pessoas compartilham de uma resposta semelhante, portanto, de um posicionamento central” (NASCIMENTO, 2018a, p. 157).

na desconfiança das fontes e ele direciona o leitor a repensar as evidências. Além disso, ao apontar Hebreus como fonte apropriada, uma vez que seria inspirado por Deus, ele dá sinais de que os sujeitos que escreveram a Bíblia se apresentam como os reais exemplos de honestidade, cujos atos exemplares foram imitados por diferentes grupos.

O que Motta também aponta por meio de seu argumento de autoridade é o valor de cada figura, fazendo seu leitor observar qual legado é mais admirável e qual discurso é mais crível. Ao final do parágrafo, ele questiona seus leitores sobre a quem darão crédito, chancelando as palavras da Bíblia como as inspiradas por Deus e as do espiritismo na zona da desqualificação, o que é próprio à polêmica:

O Espiritismo (sic) diz que se morre muitas vezes. A que dar credito? À Palavra de Deus ou à palavra do espiritismo? Deus disse que, logo que a gente morre, recebe o premio (sic) ou o castigo que se merece, de acordo como mal ou o bem que se fez: “a cada um, no dia de sua morte, o Senhor retribuirá, conforme suas obras.” (Ecli. 11, 28). (MOTTA, 1949).

Após o uso do argumento de autoridade, Motta potencializa tal argumento lançando duas perguntas dilemáticas para o leitor. Ora, o dilema é, por assim dizer, a principal característica do argumento por divisão (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005). Ao questionar, ele incita seu leitor a examinar as duas hipóteses antagônicas. A partir disso, ele começa a construir provas da incompatibilidade das doutrinas por intermédio do argumento de autoridade e da divisão. Motta continua:

O espiritismo diz que não é assim; diz que é pela reencarnação que cada um irá purificando-se dos males que praticou. Com qual dos dois ficar? Com Deus ou com o espiritismo? Deus prometeu o perdão imediato ao pecador que se arrepende. Ao ladrão arrependido não mandou reincarnar-se. Disse-lhe: “Hoje mesmo estarás comigo no paraíso.” De acordo com o espiritismo o ladrão teria de reincarnar-se [...] (MOTTA, 1949).

Para complementar as duas primeiras perguntas dilemáticas, o panfletário apresenta mais duas, totalizando quatro. Essas perguntas vão sendo estruturadas com outro trecho presente na Bíblia, sendo o “[...] hoje mesmo estarás comigo no paraíso”, retirado da história do ladrão arrependido. Essa frase se origina dos evangelhos — Mateus, Marcos, Lucas e João — porque narram que Jesus estava crucificado ao lado de dois criminosos, mas um deles pediu misericórdia a ele e foi salvo antes de morrer. Assim se fundamenta a compreensão no campo discursivo católico de que não há necessidade de reincarnar para alcançar a mudança e o perdão, como aponta o Livro dos Espíritos, mas durante a vida o homem pode alcançar tais favores divinos.

Tendo em vista potencializar ainda mais a sua argumentação, novamente, ele lança outra pergunta dilemática que põe o espiritismo em oposição ao nome de Jesus, o qual no campo católico figura como o nome mais poderoso:

Quem está certo, Jesus ou o espiritismo? (MOTTA, 1949).

A partir dessa pergunta, Motta mais uma vez apresenta a incompatibilidade, porque Jesus, para os católicos, é uma instância transcendente. Por outro lado, o campo espírita reconhece a figura de Jesus Cristo como poderosa, mas não compreendem a reencarnação como um meio de deslegitimar seu legado ou de subverter a religião. Sem a reencarnação, alguns fatos seriam impossíveis de serem explicados no campo da fé, segundo eles, porque tal princípio é apresentado em um dos evangelhos, como Kardec (2013) menciona em sua obra:

Quando desciam da montanha (depois da transfiguração), Jesus lhes fez esta recomendação: Não faleis a ninguém do que acabastes de ver, até que o Filho do homem tenha ressuscitado dentre os mortos. Perguntaram-lhe então seus discípulos: — Por que dizem os escribas ser preciso que primeiro venha Elias? — Respondeu-lhes Jesus: — É certo que Elias há de vir e que restabelecerá todas as coisas, mas eu vos declaro que Elias já veio, e eles não o conheceram e o fizeram sofrer como entenderam. Do mesmo modo darão a morte ao Filho do homem. — Compreenderam então seus discípulos que era de João Batista que Ele lhes falava. (Mateus, 17:9-13).

De acordo com o entendimento da doutrina da reencarnação, o profeta bíblico João Batista era o espírito evoluído de Elias, porque a alma de Elias reencarnou em seu corpo. Essa linha de raciocínio pode estar ligada ao fato de que os dois tinham o dom de profecia, o respeito entre o povo e um legado espiritual gigantesco para seus discípulos. Tudo, obviamente, em tempos diferentes, já que a biografia de Elias está registrada no primeiro e segundo livro de Reis e a biografia de João Batista nos Evangelhos. Outrossim, ambos tiveram missões difíceis em suas passagens pela terra. Por isso, suas histórias têm elos comuns.

Então, para os espíritas, existe nesse trecho uma mistura de fé, porque Jesus está envolvido na cena, e lógica, porque a trajetória desses profetas está interligada por características comuns. Esse fato é apontado no livro dos Espíritos: “[...] o melhor título que, ao nosso ver, recomenda a ideia da reencarnação é o de ser, antes de tudo, lógica” (KARDEC, p. 152, 2013). Ou seja, aquilo que Eulálio Motta tenta apresentar como digno de descrédito, no campo espírita funciona no sentido contrário, pois se acredita que há crédito suficiente.

Enquanto Motta tenta deslegitimar o espiritismo na sua relação com o cristianismo, os espíritas, cujos representantes estavam entre seus concidadãos

mundonovenses, buscam resolver o questionamento misterioso sobre a reencarnação recorrendo justamente ao texto bíblico. Assim os espíritas não entendem sua postura e gesto interpretativos como antirreligiosos, como intenciona os atos polêmicos do panfletário, isso porque a interpretação nesse campo espírita abrange mais um elemento:

As próprias palavras de Jesus não permitem dúvida a tal respeito. Eis o que se lê no Evangelho de João, 3:3 a 7: Respondendo a Nicodemos, disse Jesus: – Em verdade, em verdade te digo que, se um homem não nascer de novo, não poderá ver o Reino de Deus. Disse-lhe Nicodemos: — Como pode um homem nascer já estando velho? Pode tornar ao ventre de sua mãe para nascer segunda vez? Respondeu Jesus: — Em verdade, em verdade te digo que, se um homem não renascer da água e do Espírito, não poderá entrar no Reino de Deus. O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. Não te admires de que Eu te tenha dito: é necessário que torneis a nascer. (KARDEC, 2013, p.152).

Segundo o espiritismo, quem lê tais palavras e as compreende pode ter acesso à verdade através da doutrina da pluralidade. Logo, está diante de uma fonte de explicações para a questão da vida após a morte. Se não tem acesso a essa fonte, deixa de viver o real sentido da revelação. E se “[...] a Igreja não admite a doutrina da reencarnação” (KARDEC, 2013, p.150) diante da forma espírita de compreendê-la, a disputa também é sobre a verdade. Por isso Motta segue escrevendo para tornar a interpretação católica como verdadeira, justa e honesta diante de todos:

A ressurreição da carne é doutrina fundamental do Cristianismo. Negar a ressurreição é repudiar todo o Cristianismo porque é repudiar o próprio Cristo. Pois bem: – a doutrina espírita da reencarnação é contra a Ressurreição. Segundo a Ressurreição, Doutrina de Cristo, no dia do juízo cada homem reviverá, com o mesmo corpo e a mesma alma. (MOTTA, 1949).

Motta pera um argumento quase-lógico em que uma parte, a ressurreição, está intimamente ligada ao todo, sendo ela indispensável para o cristianismo. Negar, portanto, essa parte (a ressurreição) seria negar o todo, ou o próprio Cristo.

Embora a perspectiva espírita entenda o ato de reencarnar e o de ressuscitar como condições que não se opõem, mas podem coexistir (KARDEC, 2013), contudo o ato polêmico de Motta deixa claro que ele o compreende de modo antagônico. Para Motta, a ressurreição é uma noção que se distancia da reencarnação kardecista, por conta disso ele sente a necessidade de apontar a incompatibilidade de ideias entre as duas doutrinas.

Nesse sentido, o argumento de ambas as vertentes religiosas pode ser explicado pela lógica da dissociação das noções, que “[...] determina um remanejamento mais ou menos profundo dos dados conceituais que servem de

fundamento para a argumentação” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, p. 446, 2005). A ramificação da ideia perelmaniana de dissociação das noções é a argumentação de incompatibilidade, porque toca em limiares profundos e expressa o desejo de Motta em mostrar a seus leitores que as doutrinas são, de fato, incompatíveis.

Se assim o são, para ele, o valor a ser excluído do diálogo é o propagado pelos espíritas, e não o católico. Uma vez registrada sua indignação no panfleto, a sua refutação soará e permanecerá como “[...] uma solução que valerá igualmente no futuro porque [...] ela impede o reaparecimento da mesma incompatibilidade. Ela salvaguarda [...] os elementos incompatíveis” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, p. 447, 2005). No trecho seguinte, para complementar o argumento de incompatibilidade, numa tentativa de pôr seus interlocutores espíritas em contradição com suas convicções baseadas na doutrina kardecista:

Segundo a reencarnação (sic), doutrina de Kardec, cada alma terá muitos ou muitíssimos corpos e assim se torna impossível a Ressurreição pregada por Jesus. Resumamos: Cristo pregou a Ressurreição; Kardec pregou a reencarnação. Se a Ressurreição é verdade, a reencarnação (sic) é mentira [...] (MOTTA, 1949).

Ao escrever “resumamos”, Motta supõe que seus leitores já notaram a inconsistência do espiritismo. Mas prefere finalizar o parágrafo recorrendo à técnica de divisão:

[...] se a reencarnação (sic) for o certo, a Ressurreição é um erro. Daqui não temos para onde fugir: ou Jesus está certo e Kardec está errado; ou Kardec está certo e Jesus está errado (MOTTA, 1949).

Nessa observação, ele aponta que as duas hipóteses divergentes não podem atuar no mesmo campo. Logo, se uma é mentira; a outra é, conseqüentemente, a certeza absoluta. Assim, ele sutilmente chancela o argumento de incompatibilidade que vem sendo delineado nos outros parágrafos. Para discernir realmente qual caminho seguir, Motta deixa isso a cargo do raciocínio de quem lê. Ele parece não assumir um lado nesse trecho específico, mas a conjunção condicional “se” compõe a mesma oração do substantivo “Ressurreição” e está propositadamente posicionada no campo da dúvida, bem como o termo “Reencarnação”. Lendo isso, a ideia de dúvida associada ao que os católicos realmente acreditam vai suscitar neles a vontade de isolar a incerteza somente no campo discursivo inimigo. Por isso, ele continua o panfleto:

Daqui não temos para onde fugir: ou Jesus está certo e Kardec está errado; ou Kardec está certo e Jesus está errado. Ressurreição ou reencarnação. Kardec afirmou

expressamente: – “... não se pode admitir a ressurreição da carne...” (Livro dos Espíritos (sic), pagina 458) Cristo pregou a Ressurreição, Kardec diz que “não se pode admitir a Ressurreição.” Como que ficamos? Com Cristo ou com Kardec? Ficar com Kardec é ficar contra a Ressurreição. Ficar contra a Ressurreição é negar Cristo, é ficar contra Cristo. Dizer que ficar com Cristo e com Kardec; que é católico e espírita (sic); que é espírita (sic) e católico; dizer isto é afirmar uma bobagem tão grande, um contrassenso (sic) tão absurdo, que... não merece sequer um comentario! (sic) (MOTTA, 1949).

Ao completar com: “[...] daqui não temos para onde fugir”, ele incita seu leitor a tomar um partido, afinal, não se pode ser católico e espírita ao mesmo tempo, porque isso, segundo ele, é “afirmar uma bobagem tão grande, um contrassenso (sic) tão absurdo, que... não merece sequer um comentário!”. Ao apontar isso, ele tenta ridicularizar a postura de quem mistura a doutrina católica e espírita. Ambas são doutrinas que, sob sua lógica, conflitam e não convergem. Logo, associar essa condição ao ridículo é uma forma de demonstrar que tal mistura é uma transgressão (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005). Nesse sentido, esse argumento de ridicularização é uma técnica que visa evitar a continuidade da incompatibilidade das ideias e a contradição que, segundo ele, está no espiritismo e no catolicismo sem decidir qual religião se firmar.

Por isso, ele apela, primeiro, para o leitor tomar uma atitude lógica quando questiona “[...] Cristo pregou a Ressurreição, Kardec diz que ‘não se pode admitir a Ressurreição.’ Como que ficamos?”. Segundo, apela para o leitor tomar uma atitude prática, ou seja, resolver o problema assumindo um lado: “[...] com Cristo ou com Kardec? Ficar com Kardec é ficar contra a Ressurreição”. Por fim, uma atitude diplomática, que significa “[...] resolver, de um modo ou de outro, o conflito nascido da incompatibilidade entre duas regras” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.221). Para resolver tal conflito, Motta deixa claro que é aderindo ao catolicismo. A reencarnação é, sob a ótica espírita, um ato de amor dado por Deus para oportunizar a evolução do espírito do homem através de cada vida vivida no plano carnal (KARDEC, 2013). Contudo, para Motta, isso é um ato absurdo. Em seguida, ele escreve:

Leitor: – entre a Ressurreição e a reencarnação; entre Jesus e Kardec, não titubeio: – fico com Jesus. Podem os “sabidos” fazer chacótas e me chamarem de caróla. Não importa. (MOTTA, 1949).

Quando inicia o parágrafo com “leitor”, ele ensaia o término da discussão deixando explícito o seu posicionamento: “[...] fico com Jesus”. Contudo, na sua narrativa inicial, Jesus estava ao lado do Catolicismo, e, se ele está ao lado do Catolicismo, Motta também acaba estando. Esse elemento é posto em sua decisão

para soar implícito, mas acaba explícito, caso haja uma revisitação ao início do panfleto por parte do leitor.

Embora seu posicionamento possa o tornar alvo de zombaria, o que é comum em torno das polêmicas, como ele prevê em sua escrita, a crença por meio da fé lhe dá base para seguir argumentando. Os “sabidos”, adjetivo valorado em tom negativo direcionado a quem aponta a irrelevância em seu discurso, são construídos como tendo uma posição irracional para o escritor.

Para o rótulo “sabidos”, duas hipóteses podem ser levantadas: podem ser comentaristas que julgam secundária as divergências religiosas, embora fosse de interesse público; ou podem ser aqueles que desejavam promover uma junção das duas doutrinas e privilegiar o consenso religioso. O julgamento dos “sabidos” em relação a Motta é uma consequência por ele ter fundamentado seus argumentos na ridicularização do outro (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005). Ao decidir afrontar o que julgou ridículo, ele se expôs à condenação por parte do grupo de “sabidos”, que lhe entende enquanto alguém sem prestígio suficiente para permanecer isento de rotulações negativas. Portanto, vão acabar fazendo “chacotas” e ofensas ao Pasquineiro “carola”. A dúvida sobre os “sabidos” permanece no ar, porque o panfleto é um gênero discursivo dialógico, e não dialogal. Não há, nesse parágrafo, um oponente explicitamente nomeado por Motta além do adjetivo supracitado.

O adjetivo “sabido”, no plural, vai funcionar como uma rotulagem acusadora (ANGENOT, 2019) energizada pela ironia, que é uma figura de retórica “possível em todas as situações argumentativas” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.231). O significado positivo da palavra, então, assume uma conotação negativa para acusar o adversário. Ao mesmo tempo, o outro adjetivo pejorativo “carola” associado a ele deixa de ser negativo e torna-se positivo. Isso porque ele é considerado “carola” naquele contexto, justamente porque ele se compreende como um intelectual católico comprometido em defender o conservadorismo. Ou seja, no campo católico eulaliano, o ato polêmico do opositor assume sentido oposto, “carola” ganha um tom positivo, enquanto “sabido” tem sentido negativo. Então, como na retórica erística, Motta se apropria dos termos e inverte seus sentidos para vencer a disputa. E, ao final, quando ele aponta a conduta dos apóstolos, ele traz seus pontos de vista e os traveste, sutilmente, em sua argumentação:

O que importa é a Fé dos Apóstolos. E eles rezavam assim: – “Creio na Santa Igreja Católica, na comunhão dos Santos, na remissão dos pecados, na RESSURREIÇÃO da carne, na vida eterna. Amen.” (MOTTA, 1949).

Ao escrever “creio [...] na RESSURREIÇÃO da carne [...]”, nota-se o substantivo *ressurreição* escrito em letras maiúsculas, buscando enfatizar que se os Apóstolos creram e rezaram (prática católica), os outros humanos devem seguir o exemplo, deixando o termo *reencarnação* na zona do engano e do absurdo, apesar dos espíritas discordarem com base no *Livro dos Espíritos*.

Por fim, Motta encerra seu pensamento com o “amém”, termo comumente usado após o término de uma oração católica de concordância que pode ser traduzido do hebraico como “assim seja”. No panfleto, o “amém” aponta para a certeza de que seus argumentos merecem concordância solene em oposição aos argumentos dos “sabidos”, cujas vozes podem ser dialogicamente vistas em polêmica.

Considerações finais

De modo geral, enquanto o Catolicismo entendeu passagens bíblicas de uma maneira, o espiritismo entendeu de outra, como supracitado nas seções. Eulálio Motta, o polemista que teceu elos entre os seus leitores católicos, evidenciou o conflito de valores que se deu entre o campo discursivo católico e o campo discursivo espírita. Esse desacordo profundo foi fruto de ao menos um grupo de leitores do polemista dividido entre as verdades pregadas por cada campo religioso. Se de um lado o catolicismo tinha a Bíblia; de outro, o espiritismo utilizava o Livro dos Espíritos, escrito por Allan Kardec, para fundamentar sua crença. Além disso, a escrita de Motta evidencia que, em Mundo Novo, existiam católicos que simpatizavam e realizavam costumes espíritas e vice-versa, por isso ele pregou a incompatibilidade desses lados.

Esses dois campos discursivos religiosos encenaram uma polarização discursiva a ponto de merecer atenção em um panfleto, evidenciando a polêmica como fenômeno recorrente para católicos e espíritas na cidade de Mundo Novo, em 1949. Isso se reflete nas tentativas contínuas de Motta em combater a tese adversa do espiritismo no espaço público, pondo os argumentos espíritas no campo da dúvida, da falácia, da invenção. Em muitos pontos, Motta ironiza, leva para a zona do absurdo, marcando suas palavras pela indignação.

Os posicionamentos e argumentos empregados são atos polêmicos que fazem sentido de uma forma em um campo discursivo, mas têm sentido contrário

no campo antagônico, responsáveis, por assim dizer, por constituir o evento polêmico em questão. A perspectiva da análise dialógica da argumentação, como proposta teórico-metodológica para analisar o panfleto, permitiu compreender como os ideais de ambos os lados foram potencializados por argumentos passíveis de caracterização, muito embora se tivesse materializado apenas o panfleto de Eulálio. Outrossim, durante o artigo, percebeu-se a recorrência de argumentos enquanto atos polêmicos de autoridade, de dissociação das noções, de incompatibilidade e de divisão. A partir deles, a conclusão da análise dialógica do evento polêmico religioso trouxe à baila a compreensão de um tema religioso, mas de certo interesse público, que encenou a dicotomia e a polarização relacionada à religião no sertão da Bahia, em Mundo Novo.

Referências

- AMOSSY, Ruth. **Apologia da Polêmica**. Coordenação da tradução: Mônica Magalhães Cavalcante. Tradução: Rosalice Pinto et al. São Paulo: Contexto, 2017.
- AMOSSY, Ruth. **Apologie de la polémique**. Paris: Presses Universitaires de France, 2014.
- ANGENOT, Marc. **La Parole pamphlétaire**: Typologie des discours modernes. Paris: Payot, 1982.
- ANGENOT, Marc. **Dialogues de sourds**: traité de rhétorique antilogique. Paris: Mille et une nuits, 2008.
- ANGENOT, Marc. A retórica da qualificação e as controvérsias de rotulagem. Tradução: Rodrigo Seixas. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 18, p. 151-170, 2019.
- BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. Tradução: Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução: Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BARREIROS, Patrício Nunes; BARREIROS, Liliâne Lemos Santana. O vocabulário da Ditadura Militar nos panfletos de Eulálio Motta. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 17, p. 385-420, 2015.
- BARREIROS, Patrício Nunes. Eulálio Motta: um panfletário no sertão da Bahia. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 67, p. 57-80, 2017.
- DUTRA, Mickaele Pabline S. et al. **Hierarquia de valores**: organização atual dos valores humanos em jovens. 2020.

- FIORIN, José Luiz. A sacralização da política. In: FULANTI, Oriana de Nadai; BUENO, Alexandre Marcelo. **Linguagem e política**: princípios teórico-metodológicos. São Paulo: Contexto, 2013. p. 21-38.
- KARDEC, Allan, 1804–1869. **O livro dos espíritos**: filosofia espiritualista. Tradução: Guillon Ribeiro. 93. ed. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2013.
- MONTERO, Paula. Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso. **Religião & Sociedade**, v. 32, p. 167-183, 2012.
- MOTTA, Eulálio. **O Que Importa**. Panfleto, Mundo Novo, novembro. 1949. Disponível em: <http://www.eulaliomotta.uefs.br/panfleto.php?id=13>. Acesso em: 27 jul. 2022.
- NASCIMENTO, Lucas Silva. **Análise dialógica da argumentação**: a polêmica entre afetivossexuais reformistas e cristãos tradicionalistas no espaço político. 2018. 557f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018a.
- NASCIMENTO, Lucas Silva. Um diálogo entre a filosofia do ato e a argumentação: um caminho possível. In: AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; PIRIS, Eduardo Lopes (orgs.). **Discurso e Argumentação**: fotografias interdisciplinares. Coimbra: Grácio Editor, 2018b. v. 2. p. 153-172.
- NASCIMENTO, Lucas Silva. Análise dialógica da argumentação polêmica: uma hipótese geral. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 151-169, 2019a.
- NASCIMENTO, Lucas Silva. A criminalização da homofobia como evento polêmico: o dissenso entre LGBTs e cristãos. **Revista Científica do Curso de Direito**, Vitória da Conquista, n. 3, p. 6-25, 2019b.
- PLANTIN, Christian. Des polémistes aux polémiqueurs. In: DECLERCQ, Gilles; MURAT, Michel; DANGEL, Jacqueline (dirs.). **La parole polémique**. Paris: Éditions Champion, 2003.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação**: a nova retórica. Tradução: Maria Ermantina Galvão. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- SCHELER, Max. **Esencia y forma de la simpatia**. Buenos Aires: Editorial Losada, 1942.